

RICARDO LUIZ DE SOUZA

**SANTOS
VIDAS
MITOS
CULTOS
CRENÇAS**


PUCPRESS

RICARDO LUIZ DE SOUZA

**SANTOS
VIDAS
MITOS
CULTOS
CRENÇAS**

**PUCPRESS**

©2022, Ricardo Luiz de Souza

2022, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito das Editoras.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Ir. Rogério Renato Mateucci

Vice-Reitor

Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

PUCPRESS

Coordenação: Michele Marcos de Oliveira

Edição: Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte: Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto: Clarissa Comin

Revisão: Juliana Sant'Ana

Capa e projeto gráfico: Indianara de Barros

Diagramação: Rafael da Matta Hasselmann

Conselho Editorial

Alex Vicentim Villas Boas

Aléxei Volaco

Carlos Alberto Engelhorn

Cesar Candiottto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amíssis Amorim

Eduardo Damião da Silva

Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Marcia Carla Pereira Ribeiro

Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Câmpus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel.: +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas — SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk — CRB 9/1118

S729s
2022

Souza, Ricardo Luiz de
Santos : vidas, mitos, cultos, crenças / Ricardo Luiz de Souza. — Curitiba :
PUCPress, 2022.
176 p. ; 21 cm

Bibliografia: p. 161-180
ISBN 978-65-5385-007-1 (e-book)

1. Santidade. 2. Santos — Culto. 3. Fé. I. Título.

“As coisas difíceis empreendem-se por Deus ou pelo mundo, ou por ambos juntos. Por Deus as empreenderam os santos, propondo-se viver como anjos em corpo de homens.”

(Miguel de Cervantes)



Sumário

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 - OS SENTIDOS DA SANTIDADE	11
CAPÍTULO 2 - OS CRITÉRIOS DA SANTIDADE	43
CAPÍTULO 3 - COMO OS SANTOS SÃO CULTUADOS	87
CAPÍTULO 4 - OS ATRIBUTOS E AS ATRIBUIÇÕES DOS SANTOS	121
REFERÊNCIAS	157



INTRODUÇÃO

O culto aos santos e a crença em sua existência possuem uma importância central no catolicismo, a ponto de ter sido um dos principais elementos do cisma doutrinário. Daí advém o protestantismo, uma vez que os protestantes não aceitavam a existência do estado de santidade e, portanto, recusavam qualquer validade ao culto cristão.

Muito mais que uma simples expressão do catolicismo, tal crença, bem como o culto a ela correspondente, representa uma síntese de fatores históricos, políticos, sociais e culturais que refletem e determinam esta crença. Além disso, tais fatores agem de forma específica em relação a alguns santos, o que torna a compreensão da crença e do culto uma tarefa ampla e complexa.

Não é meu objetivo pensar o culto aos santos e o conjunto de crenças referentes à vida e a obra destes em toda a sua dimensão. Pretendo, apenas, definir alguns objetivos que considero essenciais para compreender como os católicos, em linhas gerais, cultuam os santos, quais sejam:

1. Descrever as vidas dos santos, através de uma literatura hagiográfica que tem início já nos primórdios da fé cristã e que alcançaria uma dimensão extraordinária na Idade Média, sem, contudo, desaparecer em nenhum dos períodos históricos que se seguiram até os dias de hoje;
2. Compreender as linhas estruturantes do culto que foi prestado a alguns santos – alguns poucos, é claro, em um universo de milhares –, que serão tomados como exemplares em relação a este

8 Santos: Vidas, Mitos, Cultos, Crenças

universo, por se situarem em categorias que não são estanques, mas que permitem diferenciar, por exemplo, um santo guerreiro de um santo missionário;

3. Salientar alguns tópicos relativamente comuns às crenças vinculadas às existências dos santos, e que são expressos tanto em termos de cultos quanto em termos de crenças;
4. Definir algumas linhas históricas que definiram e estruturaram o processo de canonização, desde o sentido eminente popular que a princípio lhe foi conferido até o sentido essencialmente institucional que a Igreja outorgou a este processo a partir do século XII, monopolizando a definição do estado de santidade, sem que nos séculos seguintes os santos populares, não reconhecidos pela Igreja, mas amplamente cultuados pelos fiéis, desaparecessem do horizonte do catolicismo;
5. Compreender a distinção entre o culto doutrinário e institucional dos santos e o culto popular, que não se opõe, necessariamente, ao primeiro, mas atua à margem deste, a partir de uma dinâmica específica, com crenças e rituais que também lhe são próprios;
6. Situar a crença nos santos e o culto vinculado a esta no contexto histórico brasileiro, pensando, principalmente, como o catolicismo popular, no Brasil, foi estruturado a partir desta crença e deste culto. Para tal, será estudado o culto a santos populares no Brasil, tais como Santo Antônio, São João, São Gonçalo do Amarante e São Miguel, entre outros.

A ação dos santos se dá no cotidiano dos fiéis e possui representações concretas, estando muitas vezes vinculada a elementos como relíquias e locais sagrados, ou seja, marcados pela passagem do santo e demais elementos a ele relacionados, quando não pelo seu próprio corpo, que se encontra (de maneira suposta ou efetiva) ali sepultado. Cria-se a partir daí, em uma romaria, o que Sanchis (2006, p. 86) define como “concretização da apresentação e presença do peregrino a um ‘Santo’”, com o autor acrescentando em relação a este processo:

Santuário próximo ou longínquo, Sagrado feito gente, com quem se conversa, se troca bens, energia e saúde (promessas), perto de quem se vive uma pequena porção de tempo, o tempo feito Festa: comida, bebida, encontros, dança; até a volta para um cotidiano transfigurado, já na espera de outra romaria.

Tal materialidade, por sua vez, reflete a presença de todo um universo mágico e sincrético que abrange a sobrevivência de elementos pagãos presentes no culto aos santos, com tal presença devendo ser compreendida, principalmente, no âmbito do catolicismo popular, sendo este, igualmente, um de meus objetivos. E tal universo, por mais que aparente ser irracional e soe como tal, deve ser compreendido no que diz respeito aos cultos e crenças relacionados aos santos a partir de sua especificidade. Afinal, como lembra Hertz (1928, p. 161), a prática religiosa é, em larga medida, independente em relação às razões que deveriam fundamentá-la.

Além do catolicismo popular também foi criada uma literatura erudita que teve como objetivo narrar as vidas dos santos. De modo geral, tal gesto teve um sentido exemplar que permitiria ao cristão – mas também ao infiel a ser convertido – ver, na trajetória dos santos e das santas, modelos para as condutas a serem adotadas enquanto cristãos, mesmo que não houvesse a pretensão de segui-los plenamente, o que levaria à pretensão, por parte do leitor, de também tornar-se um santo.

Mas é preciso, por fim, não situar o catolicismo popular e a literatura hagiográfica como universos distintos, uma vez que, pelo contrário, este catolicismo e literatura sempre estiveram em contato. Os autores que a produziram, retomaram, em seus textos, crenças e narrativas provenientes do catolicismo popular, enchendo suas páginas de narrativas fabulosas, ao mesmo tempo em que os fiéis incorporaram às suas crenças e ritos elementos provenientes desta literatura, da mesma forma que pregadores e artistas também incorporaram e reproduziram narrativas presentes na *Legenda áurea* e em tantas outras obras.

O presente texto, finalmente, tem como intuito definir a verdade histórica a respeito de alguns dos santos cujas vidas serão narradas. Limitar-me-ei, pelo contrário, a reproduzir as narrativas das vidas

10 Santos: Vidas, Mitos, Cultos, Crenças

destes santos tais como se encontram na literatura hagiográfica e no imaginário do catolicismo popular, sem ter a preocupação de separar a lenda da verdade histórica.

Assim, milagre e mitos serão descritos sem que eu me preocupe em salientar o aspecto lendário deles, uma vez que minha intenção não é diferenciar a lenda da realidade. Meu objetivo, mais modesto, é compreender algumas diretrizes históricas que situaram os santos na história do cristianismo a partir da forma como católicos, eruditos ou não, os viram.

CAPÍTULO 1

OS SENTIDOS DA SANTIDADE

SANTOS E DEUSES

O conceito cristão de santidade só pode ser compreendido a partir do que os cristãos que o criaram viram como sua antítese, ou seja, a partir da tradição pagã na qual a santidade deitou suas raízes. Há, afinal, um legado greco-romano de culto aos heróis, míticos ou históricos, do qual o culto aos santos derivaria, e há, também, uma tradição judaica vinculada ao sacrifício que inspiraria a veneração aos mártires, ou seja, às pessoas que se sacrificavam pela nova fé.

Lemos em *Levítico* (20; 7-8): “Consagrem-se, porém, e sejam santos, porque eu sou o Senhor, o Deus de vocês. Obedeçam aos meus decretos e pratiquem-nos. Eu sou o Senhor que os santifica”. A crença e o culto a Deus, quando praticado de forma correta, portanto, leva à santificação do fiel, residindo neste pressuposto um dos fundamentos da santidade cristã, sendo ainda que, para os cristãos, os mártires santificaram-se ao morrer pela fé. Mas, há outros fundamentos a serem considerados.

Há uma vertente erudita e outra popular a orientar a influência pagã sobre a formação do conceito cristão de santidade. Em relação à vertente erudita, Brown (2005, p. 181) acentua: “Os cristãos instruídos viam seus santos como pessoas que haviam atingido praticamente os

12 Santos: Vidas, Mitos, Cultos, Crenças

mesmos ideais que os pagãos contemporâneos atribuíam aos filósofos”. Mas o culto aos santos também herdou todo um conjunto de crenças populares que fez com que os santos fossem identificados pelos cristãos com deuses, heróis e espíritos provenientes do paganismo.

Acreditava-se, em Roma e em todo o Império, na existência de homens divinos que podiam curar e que eram dotados do poder de fazer profecias, adivinhações e praticar atos caracteristicamente mágicos, além de controlar as forças da natureza, sendo que o culto a estes homens foi transferido pelos cristãos para o culto aos santos, que foram dotados dos mesmos poderes.

Há outro aspecto a ser mencionado: segundo White Jr. (1973, p. 88), a religião popular, na Antiguidade, era animista, sendo que cada córrego, árvore e montanha continha um espírito a ser cuidadosamente cultuado. E estes espíritos, por diversas ocasiões, foram incorporados ao culto aos santos presente no catolicismo popular.

Houve, por fim, uma reação pagã ao culto cristão, da qual filósofos como Celso, Porfírio e Juliano, o último imperador pagão, foram representantes. Eles definiram o culto aos santos como superstição e barbárie, esquecendo-se, convenientemente, do tanto de superstição que havia no paganismo popular.

De qualquer forma, Juliano (CARTAS ESCRITAS DE ANTIÓQUIA, 89b) menciona a raça de demônios malvados que seduzem a maioria dos ateus a morrer fora de si, pensando que, se arrancam suas vidas violentamente, subirão voando para o céu. Ele também menciona os que buscam os desertos em lugar das cidades, sendo o homem por definição um animal urbano e civilizado, e se entregam a múltiplos demônios que os conduzem até à misantropia.

A própria expressão que designa a santidade passou por transformações históricas e, segundo Ariès (1981, v. I, p. 135), “a *Vulgata* chamava *sancti* àqueles que os tradutores modernos designam pelo nome de crentes ou fiéis”. Mas, acima destas transformações, permanece a percepção do santo como um homem sagrado, sendo este um conceito já presente no paganismo, e incorporado ao universo cristão. Assim,

segundo Filoramo (1992, p. 1270), o santo e o mártir são duas espécies de um gênero bem familiar ao mundo antigo, que é o homem sagrado. E o conceito original de santo, para Wach (1946, p. 515), refere-se mais a um homem “sagrado” que a um homem “bom”.

Como definir o conceito cristão – e especificamente católico, a partir da cisão gerada pela Reforma – de santidade? O que o define, inicialmente, é o seu sentido institucional, uma vez que – embora nem sempre tenha sido assim – o santo é definido enquanto tal pela Igreja Católica Apostólica Romana. A definição de santidade é, portanto, uma definição institucional.

Antes que isto ocorresse, a santidade, mais que uma outorga institucional, era uma outorga divina. O santo era definido enquanto tal pela Graça, e a ação da Graça independia de escolhas individuais ou da sagração institucional. O santo era tocado pela Graça não porque esta tivesse sido a sua escolha, mas porque esta era a benignidade imerecida de Deus: eis, por exemplo, a concepção agostiniana.

Vauchez (1995, p. 164) acentua:

Antes do século XI, a hagiografia nos mostra santos que pareciam misteriosamente predestinados para o seu estado. A fidelidade com a qual eles observavam a lei divina era menos o resultado de uma ascensão para a perfeição espiritual do que a manifestação sensível de sua eleição por Deus.

E é assim que a tradição agostiniana define a escolha dos santos por parte de Deus, uma vez que Santo Agostinho (1950, v. VI, p. 151) menciona os que foram eleitos por eleição gratuita, não por feitos anteriores, pois eles não tinham outro mérito que a mesma Graça. E, segundo Santo Agostinho (1950, v. VI, p. 877), se afirmarmos que os santos morreram em pecado, acreditaremos que foram condenados, sendo injustiça pensar deste modo, mas, se respondermos que morreram sem pecado, provaremos que, ao menos ao se aproximarem da morte, viveram neste mundo sem pecar.

É possível concluir, a partir das palavras de Santo Agostinho, que menos importante que os pecados eventuais cometidos pelo santo é a

14 Santos: Vidas, Mitos, Cultos, Crenças

escolha divina à qual ele foi submetido. A partir desta escolha o santo foi transformado em um ser humano vinculado a laços esponsais com Cristo, vivendo, então, um relacionamento vedado aos demais. O santo, portanto, vive de forma integral o que os outros fiéis vivem apenas de forma parcial.

Todavia, o que prevaleceu historicamente foi o caminho institucional para a santificação e para a definição da santidade. Afinal, a Igreja representa, para os católicos, a embarcação segura que leva as almas para a salvação, o que retoma antigas tradições gregas e egípcias. Nessas tradições a viagem também não era isenta de perigos (no Egito, Apópis – uma serpente que era a encarnação de Set, que era a encarnação do espírito do mal e representava a desordem, sendo irmão de Osíris, o deus civilizador – rondava a barca que levava as almas e tentava virá-la), mas a alma que se mantivesse fiel à Igreja conseguiria concluir a travessia. E os santos, por sua fidelidade à Igreja e por seu desapego ao mundo material, concluem-na de forma redentora para eles e os demais fiéis.

São Gregório Magno (1958, p. 479) descreve as almas dos santos correndo, em seu desejo, desde as portas exteriores, pelo átrio, até a porta interior. E o que temos, a partir da imagem proposta pelo autor, é o reconhecimento, por parte dos santos, da Igreja como o único caminho para a salvação pela qual anseiam. Viver no seio da Igreja representa, ainda, a aceitação de uma hierarquia ao mesmo tempo eclesiástica e divina. Os santos são, invariavelmente, aqueles que vivem de acordo com esta ordem, mesmo não fazendo parte dela como membros do clero.

Assim, Santo Atanásio (2002, p. 347) diz sobre um eremita como Santo Antão: “Ele, tão grande, respeitava extremamente a lei da Igreja. Queria que todo o clero tivesse precedência sobre ele. Não temia inclinar a cabeça diante dos bispos e dos sacerdotes.” Um dos autores que representou de forma mais efetiva a hierarquia eclesiástica em seus primórdios, como Pseudo Dionísio, o Areopagita (2004, p. 280), salienta:

O que se chama de seio dos veneráveis patriarcas e outros bem-aventurados é, creio, este repouso diviníssimo e esta perfeita beatitude, onde são acolhidos todos aqueles que vivem em conformidade com Deus, na perfeição sempre nova de uma felicidade infinita.

A conformidade com Deus, na percepção do autor, é expressa pela equivalência à hierarquia, e Pseudo Dionísio, o Areopagita (2004, p. 148), afirma: “Chamo hierarquia uma ordem, um saber e um ato tão próximos quanto possível da forma divina, elevados à imitação de Deus na das iluminações divinas”. E assinala: “O fim da hierarquia é, portanto, o de conferir às criaturas, o quanto se pode, a semelhança divina e de uni-las a Deus”. (2004, p. 149). Mas apenas a Igreja, com a sua hierarquia, pode proporcionar o repouso beatífico descrito pelo autor, com Moreschini (2008, p. 740) assinalando em relação à hierarquia proposta por Pseudo Dionísio, o Areopagita:

Os membros superiores da hierarquia purificam, iluminam e tornam perfeitos os membros inferiores, imitando assim a Deus, princípio de toda purificação, iluminação e perfeição. As mesmas funções se desenvolvem na hierarquia eclesiástica pelos membros superiores em relação aos inferiores.

O que caracteriza o santo, por fim, é o seu sentido mediador e a sua presença; ele é um mediador sempre presente, o ser que se situa entre a vida humana e o que está além dela, podendo trazer para esta – e este é o fundamento do culto popular aos santos – benesses que naturalmente os fiéis seriam incapazes de obter: benesses sobrenaturais, portanto. E não apenas nesta vida: cabe aos santos, afinal, interceder pelas almas para que estas obtenham a salvação, mas, para que isto ocorra, é preciso que os vivos entrem no circuito da salvação. É necessário rogar perante os santos por meio de orações, para que estes intercedam pela salvação de suas almas. Mas o que importa ressaltar é que, neste mundo e no outro, os santos surgem como medianeiros.

Ladurie (1997, p. 438), em relação aos santos de Montailou, na França medieval, acentua: “Asseguram o contato favorável entre a pequena região, conservadora de seus costumes familiares, não anômicos, mas não totalmente cristãos, e o grande Deus do ‘bom cristianismo’, com o qual será preciso negociar um dia, a fim de obter a salvação”.

É a eles, portanto, que o fiel deve pedir, e Bergson (1978, p. 29) salienta em relação aos santos: “Eles nada pedem, e, no entanto, obtêm.

16 Santos: Vidas, Mitos, Cultos, Crenças

Eles não precisam fazer exortações; basta que existam, sua existência é um chamado”. A sua própria existência, portanto, os transforma em mediadores, mas, para que isto ocorra, tal existência deve estar presente na vida dos fiéis. Segundo Scheler (1961, p. 46), corresponde à essência do santo uma presença imediatamente perceptível. E, de fato, um santo ausente é, para o fiel, um ser inexistente.

O que caracteriza a santidade, ainda, é o seu sentido exemplar. O santo imita Cristo, embora tal imitação seja necessariamente imperfeita, uma vez que qualquer sugestão de uma imitação perfeita seria intrinsecamente sacrílega. O fiel sempre deve imitar o comportamento dos santos, embora esta seja igualmente e necessariamente imperfeita, a não ser que o fiel também seja um santo. Mas o conceito de exemplaridade referente à vida dos santos permanece, sendo diversas vezes mencionado.

Segundo São Bernardo (1955, v. I, p. 638), já que não é possível seguir São Vitor nas maravilhas por ele feitas, é preciso segui-lo nos costumes. Ressalta-se ao mesmo tempo a especificidade inimitável da santidade e a necessidade de tomá-la como exemplo.

Lemos, ainda, nas *Flores de São Francisco* (LEGISIMA; CANEDO, 1956, p. 93), como este, em todos os fatos de sua vida, foi conforme a Jesus. É a imitação – igualmente inatingível – de Cristo que é enfatizada. E, escrevendo na segunda metade do século XVI, frei Amador Arrais (1944, p. 244) aconselha: “Temos em os Santos, não só exemplos, mas também patrocínios. Em todas as tentações nos podem e nos devem apadrinhar. O que se sente inclinado a algum vício, pegue-se ao Santo que Deus dotou da virtude a ele contrária.” A imitação dos santos ganha um sentido redentor. Nunes (1978, p. 50), em relação às *Oito Catequeses Batismais*, acentua sobre São João Crisóstomo:

Na Catequese VII, São João Crisóstomo inculca a devoção aos santos mártires e o desprezo das coisas corporais, e na Oitava traça um programa para a jornada do neófito: ida à Igreja pela manhã com bastante oração; cumprimento do dever de Estado durante o dia, e volta à igreja à tardinha, para dar contas ao Senhor do dia inteiro e pedir-lhe perdão das faltas cometidas.

